

Joanna Francesa e Dorian Gray: passagens, paisagens e fronteiras em nomes, retratos, currículos

*Elenise Cristina Pires de Andrade**

Resumo: Passagens por paisagens e fronteiras que se diluem, se arruínam, se estilhaçam na desarticulação realidade-linguagem-representação-imagem em nomes, retratos e currículos. Transitar e ressoar pelo teatro da repetição proposto por Gilles Deleuze em *Diferença e Repetição*, como possibilidade de linhas de fuga do jogo da representação (re)firmado pela doutrina do juízo no entendimento de mundo segundo o pensamento platônico. Perambular pelas invasões e aprisionamentos de falas, idéias e silêncios de dez professores/as que se encontraram com um arquivo em *Power Point* no primeiro semestre de 2004 e com a autora deste texto, que também compôs uma tese (quase-tese) por esses meandros que clamam, não por clemência, mas pela potência de criação caótica da diferença pura produzida pela repetição.

Palavras-chave: currículo, pós-modernidade, linguagem, imagem.

Abstract: This text is about passages through landscapes and boundaries that get diluted, ruined and shattered in the reality-language-representation-image disarticulation in names, pictures and curricula. It goes around resounding through the theater of repetition proposed by Gilles Deleuze in *Difference and Repetition* as possible lines of escape from the representation game (re)firmated by the judgment doctrine in understanding the world, according to the Platonic thought. It also wanders through invasions and captures of talks, ideas and silence from 10 teachers who got in touch with a Power Point file in the first semester of 2004 and the author of this text, who also composed a thesis (or an almost-thesis) for this entanglement that cries out, not for clemency, but for the power of chaotic creation of the pure difference produced by repetition.

Key words: curriculum; post-modernity; language; image.

* Professora na Secretaria de Estado de Educação de São Paulo e na Faculdade Network, Campinas, SP. nisebara@uol.com.br

*Passioné nez, passionem je
Je t'ai je t'aime je
Je je jet je t'ai jetez
Je t'aime passionem t'aime.¹*

Criações e invenções no gaguejar. *Je, je, jet, je, je t'ai, jetez, je, Je, je t'aime.* Como gaguejar em uma língua acadêmica que atravessa uma escritapesquisa de currículo? Ou seria sobre/sob o currículo? Que linguagem, nomeação, retratos, Joannas, Dorians e currículos atravessariam e abandonariam “A superfície ex-crí(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecadores?” (Andrade, 2006). Nomeação acadêmica de tese, ou melhor, quase-tese na fissura aberta pelo “quase”, defendida (por que não atacada?) na Faculdade de Educação, Unicamp. Linguagem em currículos que per(ex)correm por superfícies em produções de sentidos nas falas, ausências, silêncios e transcrições de fitas K-7 de quatro encontros realizados em 2004 com dez professores e professoras que, na ressonância que me provocaram, diluíram-se e orbitaram a pesquisaescrita da tese como corpos celestes: Saturno e Júpiter, professoras de matemática e educação física, respectivamente. Lua leciona português e Titã, matemática. Aldebarã, artista e naquele momento professora de artes, encontrou-se comigo na companhia de Antares, professora da terceira série do Ensino Fundamental. A última reunião envolveu Sagitário (professora de física), Virgem (professor de geografia), Aquário (professora de física) e Leão (professor de história). Cada reunião compôs um grupo: a primeira contou com satélites, a segunda convidou os planetas, o terceiro encontro contou com as estrelas e o último perambulou por constelações do zodíaco. Um passeio pelo espaço sideral a libertar-me de uma estreita cronologia espaço-temporal para os diálogos.

Propus-me, inicialmente, a escutar e rememorar as conversas para viajar por trans, des, in-humanidades pulsantes e/ou ausentes de um arquivo em *Power Point* mostrado aos/às professores/as durante os encontros. Desenhos, fotografias, trechos de textos, fragmentos de músicas, afetos, comprometimentos, alunos e alunas, conhecimentos escolares, *slides* e muitas indagações, incômodos, pedidos e angústias. Enganos? Ilusões? Irrompe o (des)encontro. Abalos sísmicos na crosta/superfície da escritapesquisa da tese. Devir-tese. Um des-relacionamento na escritura/imagem da necessidade de equivalência ontológica e epistemológica com um/a autor/a, autoria (que vê, que escreve) e uma suposta estabilização do movimento. Potência da intensidade do tremular da gagueira. “[...] Não é mais o personagem que é gago de fala, é o escritor que se torna *gago da língua*: ele faz gaguejar *a língua enquanto tal*” (Deleuze, 2004, p.122).

1. Poema de Luca “Passionément” (*Lê chant de la carpe*). (apud Deleuze, 2004, p.125).

O que isso significa? Significa aquilo. Mas o que significa aquilo? Aquele outro. Entendi, e o que aquele outro significa? Círculos concêntricos onde os significados só parecem significar em consonância com os significados anteriores e posteriores em uma espiral infinita de círculos centrados. Como buscar uma invenção que se repete diferentemente a cada circular em círculos descentrados, trêmulos, gagos em uma escritapesquisa de tese de doutorado? E de artigo para uma revista acadêmica?

Deixar-se levar, prender-se, permitir a prisão, desejar a invasão, tripudiar o controle, convidar o estranho, duvidar da normalidade de uma realidade produzida não a partir dos seres-objetos habitantes do mundo, mas de seus duplos equivalentes – suas representações. Não me incomodam a desordem, a escuridão, a falta de conexões, a ausência de limites, os apagamentos e silêncios. Permito-me invadir e aprisionar as falas/idéias dos professores e das professoras. Rememora-las e relança-las nesses espaços-tempos da escritura e da leitura de uma quase-tese (Andrade, p. 66, 2006).

7/2

Tu ris, tu mens trop

Tu pleures, tu meurs trop

Tu as le tropique

Dans le sang et sur la peau

Geme de loucura e de torpor

Já é madrugada

Acorda, acorda, acorda, acorda, acorda²

Acorda, acorda, acorda. Accord, accord, accord, accord.

Já é madrugada, acorda! D'accord! Já é madrugada! Tá bem, concordo! Concorro também que você cante em rimas, Joanna Francesa: tu ri, tu mentrô, tu plér, tu mértrô. Seria possível escrever sons articulando o ritmo da rima na passagem que acorda de acordo com *d'accord!* Que fronteiras Chico Buarque, Cacá Diegues e Joanna explodem? Paisagens e fronteiras convidadas a desarticularem realidade-linguagem-representação em nomes, retratos, currículos.

Pretender desprender a pretensão. *D'accord! D'accord! D'accord! D'accord! D'accord!* Outras (im)possibilidades ao jogo da nomeação em desmoronamentos caóticos, criativos, linhas de fuga na produção de sentido na superfície sem espessura, no não-lugar. *Já é madrugada!* A-topia que não incorpora nenhum

2. Trechos da canção *Joanna Francesa*, de Chico Buarque, para o filme de mesmo título, de Cacá Diegues (1973).

território e que se com-figura como uma das determinações para que nos contatemos com o “[...] mundo pululante das singularidades anônimas e nômades, impessoais, pré-individuais [...]” (Deleuze, 2003, p.106).

Vibração e nomadismo que Deleuze diz não serem permitidos no “método da divisão”, aquele que aparece quando nos reportamos ao projeto platônico de mundo, cujo objetivo seria “[...] selecionar linhagens: distinguir os pretendentes, distinguir o puro e o impuro, o autêntico e o inautêntico” (Deleuze, 2003, p.260).

*Mata-me de rir Fala-me de amor Songes e mensonges Sei de longe sei de cor*³
Desinventar objetos. Dar ao pente funções de não pentear.

O pente, por exemplo. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia.⁴

Saber de cor. *Savoir par cœur*. Cores. Corações. Vibrar e gaguejar não somente no mundo, mas o mundo. Frestas, festas, fissuras no entendimento de mundo pelo método platônico que se faz em profundidade e por comparação: as alturas guardam a menor distância com o puro, o original, pois mais próximos da Idéia inalcançável.

Sei de longe, de coração, matar de amor ao desinventar objetos.
Rir, por exemplo.

Outras funções aos sonhos e pesadelos que não somente sonhar e pesadelar até que eles falem à disposição de ser um pente.

Je suis une begônia a descolar, no deslocamento...

Eu sou uma begônia? Mas, eu sou?

Abandonar as tranqüilidades que a “doutrina do juízo”, que é como Deleuze (2004, p. 154) se refere ao platonismo, parece permitir, onde o entendimento do mundo não ocorreria pelo próprio mundo, mas na busca de equivalentes dos seus habitantes (seres-objetos). Utilidades, interpretações e representações parecem teimar em equivaler (ou assumir?) aos próprios seres-objetos. Assim, para tal doutrina, o mundo somente se constituiria em mundo a partir do (re)conhecimento de sua utilidade, de sua interpretação e representação – um modelo de concretude da realidade a partir do qual o conhecimento, as experiências, os (des)encontros ocorreriam na mediação entre a linguagem e as imagens.

Quais possibilidades para habitar, transitar, contemplar, conhecer o mundo, abandonando o projeto platônico da comparação, e conclamar a repetição que produz a diferença, assim como convidar o simulacro e sua potência terrivelmente criativa?

3. Trechos da canção *Joanna Francesa*.

4. Poema de Manoel de Barros.

Subindo à superfície, o simulacro faz cair sob a potência do falso (fantasma) o Mesmo e o Semelhante, o modelo e a cópia. Ele torna impossível a ordem das participações, como a fixidez da distribuição e a determinação da hierarquia. Instaura o mundo das distribuições nômades e das anarquias coroadas. Longe de ser um novo fundamento, engole todo fundamento, assegura um universal desabamento (effondrement), mas como acontecimento positivo e alegre (effondement) [...] (Deleuze, 2003, p. 268).

Acontecimento que se expressa. Expressão que acontece. Tensionar os limites da nomeação e deslizar pela correnteza do fluxo dos tremores e dos ritmos. Existiria uma linguagem original de Joanna? Seria necessária a nomeação original de currículo?

Estraçalhamentos de originalidades e comparações para reverberar, atravessar, tensionar o teatro da repetição que produz o diferentemente diferente sem comparações. Não há originais, não sendo suportável a relação modelo-cópia. O currículo como ponto de esvaziamento em ruína a não clamar inocência – *Basta de clamares inocência*⁵ – nem preenchimento, mas experiência na expressão do acontecimento. Vivências e pulsações pelos meandros do teatro da repetição que se opõe

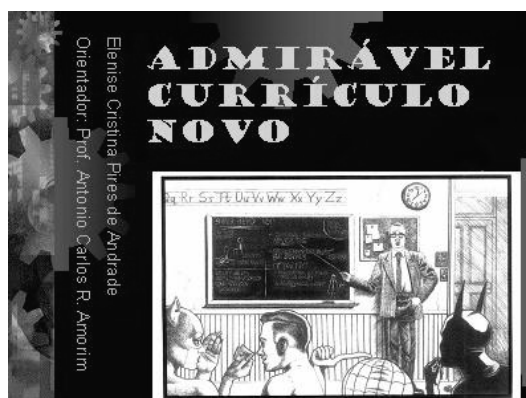
[...] ao teatro da representação, como o movimento opõe-se ao conceito e à representação que o relaciona ao conceito. No teatro da repetição, experimentamos forças puras, traçados dinâmicos no espaço que, sem intermediário, agem sobre o espírito, unindo-o diretamente à natureza e à história; experimentamos uma linguagem que fala antes das palavras, gestos que se elaboram antes dos corpos organizados, máscaras antes das faces, espectros e fantasmas antes dos personagens – todo o aparelho da repetição como “potência terrível” (Deleuze, 2006, p. 31).

Esfacelamento da equivalência no desmoronamento da representação. Assim pretendo apostar no esvaziamento do currículo como mediador de algo para algo. Desimbuí-lo dessa necessidade metafórica, pois “As metáforas são uma das coisas que me fazem perder a esperança na literatura”, já disse/escreveu Kafka (1921)⁶, avisam-nos Deleuze e Guattari (1977). Linguagem, currículo e pesquisa considerados seres-objetos imediatos na experiência e no instante da superfície. Produção de sentido na repetição que produz a diferença pura e arromba a idéia de original(idade). Apostar na potência criativa dessa

5. Título de uma canção de Cartola.

6. *Diário* (apud Deleuze; Guattari, 1977, p. 34).

diferença des-tra(o)çada por Gilles Deleuze, principalmente em *Diferença e Repetição* (2006), e não naquela explicitada pela comparação modelo-cópia, portadora de uma negatividade intrínseca, pois tomada por comparação a um modelo-idéia inatingível por natureza.



Sagitário: Eles estão tendo aula! ... Esse professor tem cara de que não entende nada de super-heróis.

Elenise: Lousa que invade ou se hospeda nos tremores de $7/2$? Ou seria $7,5$?

Virgem: Nos livros e filmes são pessoas mais centradas, idosas, comuns, que organizam os super-heróis.

Sagitário: Ele está com cara de quem nunca voou, nunca desatou nós...

Elenise: Nós que não são desatados. Nós que desatamos. $7\frac{1}{2}$?

Georges Ifrah – A numeração decimal de posição assim concluída introduziu também a infinita complexidade do universo dos números e levou os matemáticos a um avanço prodigioso (1994, p. 329).

Elenise: Não entendi a resposta de Ifrah. $7/2$, $7,5$ ou $7\frac{1}{2}$?

Virgem: (continuando a fala anterior) São pessoas, normalmente, que nunca viveram a vida do próprio herói. Mas são pessoas que sabem, têm toda a teoria.

Elenise: O que eu queria comentar é que falado/escrito “sete e meio” não tem problema nenhum! Tanto faz ser $7/2$, $7,5$ ou $7\frac{1}{2}$!

Admirável Currículo Novo foi acompanhado por um trecho de *Admirável Gado Novo*⁷: *E ter que demonstrar sua coragem. À margem do que possa parecer. E*

7. Canção de Zé Ramalho.

ver que toda essa engrenagem, já sente a ferrugem lhe comer. Êêê..ôô... vida de gado. Povo marcado, é, povo feliz k...j...k...j&k...j&k...j&k...e pela lousa⁸, minha atriz principal. No entanto, nos três primeiros encontros, as professoras sequer comentavam sobre ela nesse *slide*, muito menos notavam minha ansiedade em falar dos seus escritos em giz.

A lousa simplesmente havia desaparecido. Nada dizia às/aos professores/as que cotidianamente estão com ela, escrevendo sobre seu quadro, esparramando giz sobre sua superfície. Provavelmente sua existência parecia tão óbvia que foi desnecessário comentá-la, como se não precisasse de narrativas para se fazer concreta. Parecia não existir devido à sua visibilidade “óbvia”? Ou comportaria uma existência que carrega uma invisibilidade decorrente do extremo conhecimento que professores e professoras possuem sobre ela? Somente na última reunião Virgem possibilitou um diálogo sobre meu querido ser-objeto marcado pelas palavras do professor de super-heróis ao questionar: *Ensinar o que para super-heróis?*

Joanna questiona *Quem me enfeitiçou?* E acaba por tentar responder-se *O mar, marée, bateat⁹*. Roubando o questionamento de Joanna, nem tento responder-me o que me arrebatou neste mar de corpos celestes, marés de fragmentos a movimentar os barcos das idéias, falas e silêncios dos/as professores/as no encontro e na experiência das/com as inúmeras imagens que escolhi e montei no arquivo em *Power Point*. Coerência explodida no ritmo da ressonância. Des-re-tratar a linearidade. Re-trato do fragmento na dispersão do “entre”.



8. Capa do *Journal of Curriculum Theorizing* (v.17, n.3, 2001), que tem como editora de arte Mary Aswell Doll.

9. Versos da canção *Joanna Francesa*.

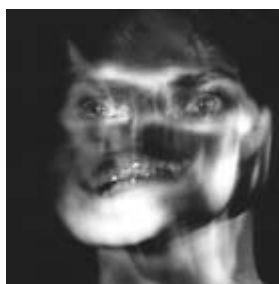
“Sete e meio”, confirma a mulher, quando o elevador pára e Craig Schwartz (John Cuzack) sai para ir até o escritório onde trabalha como arquivista. Imagens da produção cinematográfica *Beeing John Malkovitch* (em português, o título passou a ser *Quero ser John Malkovich*), dirigida por Spike Zonze (1999). Entre-andares. Escorrer, ex-correr, correr com o currículo das delimitações 7º, 8º. Embaçamentos. Re-tratar seria tratar repetidas vezes e produzir sentido a cada repetição? Ou uma tentativa de voltar-se ao tratamento do jogo da representação e da equivalência retratado (modelo) – retrato (cópia)?

Deslizando pela potência da estética política do simulacro, chamo as imagens, atravessamentos e ressonâncias dos olhos, dos olhares, das visões, dos humores aquosos e vítreos, das lentes de contato, de aumento, dos microscópios, telescópios... Memórias, esquecimentos, reminiscências, preenchimentos, esvaziamentos, nomeações, ruínas, Dorians, Joannas, Van Beecks...

Sete e meio



“Selfportrait”
1988
Martien Van Beeck



“Veerle”
1984
Martien Van Beeck

Harry, todo o retrato pintado com sentimento é um retrato do artista, e não do modelo. O modelo é apenas o acidente, o pretexto. O pintor não o revela a ele, o pintor é que se revela a si mesmo na tela colorida. O motivo porque não exponho este quadro é o medo de que eu tenha revelado nele o segredo da minha alma

(p.12, fala do pintor do retrato de Dorian Gray, Basil Hallward)¹⁰.

10. *O retrato de Dorian Gray*, Coleção Novis Biblioteca Visão – 7, Digitalização e Arranjo Agostinho Costa. Fonte: <<http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/literatura/retrato.htm>>. Visitado em 10/02/2006, versão eletrônica da obra completa.

Como resposta a essa violência [prática da "pintura selvagem"¹¹] eu pintava calma, geométrica e abstratamente além de que eu estava completamente insatisfeito com aquele discurso naif da função da pintura como "tradutora direta das emoções". Eu procurava outros meios de expressão além da pintura, e me intrigava com os aparatos técnicos e mecânicos do registro que caracterizam a fotografia. Fotografando retratos e auto-retratos eu poderia reintroduzir a figuração e ainda evitar a substância da pintura

(Martien van Beeck)¹²

Basil Hallward e Martien van Beeck nos provocam com seus incômodos a necessidade de uma tradução direta das suas produções artísticas – seria possível captar o retratado no retrato e, ao olhar, *Traduzir uma parte na outra parte, que é uma questão de vida e morte. Será arte?*¹³ Existiriam fronteiras e/ou passagens entre retrato e retratado na diferença pura produzida no teatro da repetição? Des-tratamento (ou seria uma re-tratação?) de Dorian no Retrato, marcando e fraturando a tela, as tintas, a alma de um retratado, enquanto Mr. Gray continuaria impassível em sua beleza, possibilitando à sua rostidade um nobre esquecimento?



Antares – [...] Quando ele [Von Hagens¹⁴] veio para o Brasil (não me lembro onde ele iria expor, mas sei que foi proibido), ele disse não estar fazendo nada de ofensivo. Ele somente queria que as pessoas admirassem o ser humano.

11. Van Beeck refere-se à época em que estudou pintura na Royal Academy em Gent, Bélgica, de 1979 até 1983. Nessa época, continua o artista, devido à influência do neo-expressionismo alemão e da transvanguarda italiana, todos os estudantes pintavam "selvagemmente". "Eu odiava essa atmosfera; muita pretensão de atitudes diferenciadas que, na grande maioria das vezes, tornava-se entediante, além de que os quadros produzidos eram ruins". Fonte: <<http://users.skynet.be/fa467303/BLAD3/portrzwiten.htm>>. Visitado em 01/02/2006 (tradução da autora).
12. Fonte: <<http://users.skynet.be/fa467303/BLAD3/portrzwiten.htm>>. Visitado em 01/02/2006 (tradução da autora).
13. Versos do poema de Ferreira Gullar *Traduzir-se*, musicado por Fagner.
14. Médico alemão, autor das esculturas em plastinação, técnica que inicialmente foi utilizada para melhorar as condições de estudo das estruturas internas do corpo humano. É o método através

O comentário de Antares possibilita amplitudes, intensidades, esquecimentos, outras experiências. Sua inquietação perambula pela truculência dos limites que muitas pessoas, leis, regras morais e religiosas constroem, fixam, veneram. Abandono da comparação no método platônico da divisão ao permitir-se/me a estética do simulacro, da imagem sem semelhança. Admirar sem a tentativa de interpretação. Estranhar ativamente, outrar-se no outro absoluto, repetindo-se em/com experiências que nunca se concretizarão.

Minha proposta na quase-tese espalha-se e espelha-se por este texto, pelos des-retratos, pela disseminação dos interstícios do “entre” no desligamento da necessidade de *um* nome para a existência pela experiência a realizar-se sem a concretude de uma realidade a fundamentá-la. As falas, idéias, os silêncios dos/as professores/as ressoam como um precursor sombrio a es(n)tranhar a nomeação de currículo na sua repetição.

Creio que somente por meio de escrituras, imagens, currículos, pesquisas, professores/as fluídos/as, nômades, que não capturam nem se deixam capturar pela necessidade de corporalidade, rostidade, concretude, significados, poderiam expressar-se e não explicar-se nem interpretar-se e aos outros/as. [...] Desejo provocar um deslocamento dos currículos entendidos como momentos de incorporação de alguma coisa, seja cotidiano, conhecimentos, ideologias, regras morais e/ou éticas, pois assim concretizado, normatizado, assumiria características narrativas que buscam, que se obrigam a buscar, uma essência salvadora dos seres-coisas (Andrade, 2006, p. 85, 7/2).

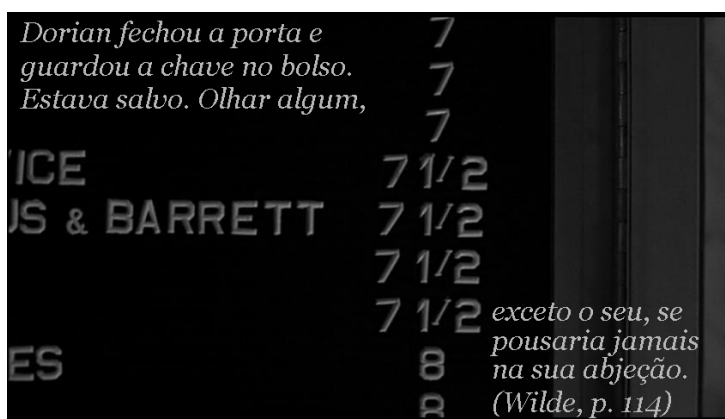


$$7 \frac{1}{2}$$

do qual Gunther von Hagens [...] substitui substâncias orgânicas de corpos mortos por materiais plásticos (silicone, resina de epóxi e poliéster), o que permite que os materiais molhados do corpo adquiram plasticidade, ou seja, permaneçam maleáveis, inodoros e secos. Fonte: Maria Tereza Santoro. *Ele é de morte*. Disponível em <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2347,1.shl>>. Visitado em 01/11/2004.

Em 1930, Jeanne é a dona de um prostíbulo em São Paulo. Um cliente alagoano, apaixonado por ela, a leva para sua fazenda de cana-de-açúcar onde Jeanne entra em contato com costumes que acabam por arrebatá-la a um mundo ético e cultural que nunca havia conhecido antes. Ela acaba assumindo a liderança da família, em plena decadência¹⁵.

Nomear o currículo seria retratá-lo? Chico Buarque fixou ou movimentou Joanna/Jeanne no movimento rítmico da canção? Oscar Wilde retratava-se ao encomendar o retrato de Dorian a Basil? Escreverpesquisar as invasões e os aprisionamentos das falas/idéias/silêncios dos/as professores/as, sem a pretensão de analisá-las, mas sim de experienciá-las, caberia em uma tese de doutorado? E em uma quase-tese?



“Em multiplicidades nomeia-se currículo” diz-nos o título deste Dossiê. Talvez não seja *um* nome, mas uma usurpação para que, desde dentro desta concretização, haja uma desnomeação, como a baía que se localiza entre Punta Arenas e Rio Grande no extremo sul da América – a Bahia Inútil, que Baudrillard diz ser

[...] a homenagem mais extraordinária que se pôde fazer a uma paisagem, dar-lhe tal nome, e quem o fez presentiu realmente o que era a monotonia do além, o fim sobrenatural de toda significação, o mundo de limbos que a cultura nem sequer designou com um nome próprio (2002, p.50).

15. Sinopse do filme *Joana Francesa* obtida no site “adorocinema”: <<http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/joana-francesa/joana-francesa.asp>>. A imagem também foi obtida no mesmo local: <<http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/joana-francesa/joana-francesa04.jpg>> Visitados em 09/02/2007.

Trancar o currículo e a linguagem nos limites seguros do 7º e/ou do 8º andares garantiria o quê? Por que a necessidade de garantia? Para quê? Seria abjeta a contemplação caótica do currículo desnomeado, da linguagem no imediatismo do acontecimento? As imagens (re e/ou des)tratariam os seres-objetos ao serem nomeadas? *Quero ser John Malkovich* é a tradução de *Beeing John Malkovich* no elevador do 7,5º andar, a invadir a fogueira no fragmento do fogo em *Joanna Francesa*? Pensamentos, escrituras, conhecimentos, currículos, Joannas, Dorians, Elenises que se repetem e, na repetição, singularizam-se, produzindo a diferença. Movimentos de desaparecimento e realidade, de visualização e apagamento, de variação e dispersão no entre, na fissura, no fragmento da nomeação, no ritmo do sete e meio.

Elenise, eu sinto uma vulnerabilidade quando, de repente, eu imagino que posso me perder no meio de uma idéia que eu vou aplicar em sala de aula. Acho que isso já me atrapalha, porque se meu aluno perceber... Interrupções que eu não consigo identificar. Porque eu não preciso, necessariamente, prever tudo. E aí? Eu acompanho tudo? Minha preocupação é o entendimento dele em relação à minha postura de professor que também está acompanhando o processo... "Ele não sabe o que quer, ele não domina" [seriam frases ditas por alunos nessa situação]. E quando você sabe exatamente o seu objetivo, ou quando você conta a história do livro você encanta porque você domina, você leu o livro e "eu [aluno] quero ler também". Tem filmes que eu trabalho 4, 5 anos e transito com muita facilidade, dou dicas do que ver no filme e eles sentem, eles sabem. Pode ser 3º 9, 3º 10. Morre. Eu não escuto um pio. Eles sentem essa segurança. Se, de repente, eu jogar uma idéia, uma provocação e eu me perder, será que eu vou continuar com a mesma confiabilidade de trabalho? Essa é minha preocupação. [...] Mexe comigo esse negócio da provocação, eu acho bárbaro. E, de repente, eu até tento nas programações... Eu acabo mudando, e muitas vezes simplificando muito e aquilo que você simplifica, fica simplista, de repente não fica mais tão atraente.

Virgem permite-se viajar pelos descontroles, pela inviolabilidade do conhecimento que se entranha nas rupturas caóticas da provocação. Será que ao definir, nomear, identificar as características, demarcar *currículo* não estaríamos tentando preenchê-lo de consistência, de coerência, de legitimidade organizativa para o caos criativo da sala de aula? Que nomeação permitir-se-ia acompanhar (ou não seria necessário acompanhamento?) Virgem em sua criativa e caótica indagação?

JoannacançaofilmeChicoCacá?

DorianBasilretratadoretrato?

CurricorrecolaresdoresVirgem?

Interstícios da repetição na produção da diferença “em si”, na potência da criação. Estranhar a nomeação e a fixação de currículos em espaçostempos preenchidos, delimitados. Desterritorializar o aprender para as profundidades, renegando a degradação das profundezas porque longe do Modelo – a Idéia platônica – e vivenciar imaginando as possibilidades da produção do conhecimento na/pela replicação dos simulacros; ramificação política, pelos interstícios e silêncios da existência em si, de manobras de resistência que não buscam uma competência moral nem epistemológica para acontecer, mas deslizam pelo caos da sala de aula, na experimentação da nomeação do currículo por outros jogos que não o da representação,

[...] para além da multiplicidade de enfoques, temáticas, metodologias e ações o campo do currículo passa por processos de *subtração e esvaziamento da busca por sua essência*. O currículo, *ente em desconstrução*, passa a constituir-se em bricolagens teóricas, metodológicas e de imaginação, além de expressar *desejos* por um vir a ser, ainda *acontecimento* – sua existência é quase alcançada, sua identidade quase estabelecida, suas desfigurações sempre o movimentando (Amorim, 2006, p. 4, grifos do autor)

Por que não experienciar um currículo que nunca se concretiza, mas que é um constante provocar e querer, em alunos, alunas, professores, professoras, conhecimentos? Seres-objetos que nunca se definem nem se (de)limitam, permitem-se o deslocamento por sobre/sob a superfície sem espessura do devir, nunca atingido, por isso fecundo e promissor de fluxos criativos. Linhas de fuga. Desinvenções.

*Desinventar objetos. O pente por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear. Até que
Ele fique à disposição de ser uma begônia.
(Manoel de Barros)*

Referências bibliográficas

AMORIM, Antonio Carlos R. *Ponto.Ponto.ponto. Identidades, diferenças e imagens*. Texto apresentado na 29ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu/MG. 17p. 2006.

ANDRADE, Elenise C. P. *A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecedores*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca impossível*. Tradução Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. 1.ed., 1.reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 2.ed. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 4.ed., 2.reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

IFRAH, Georges. *História Universal dos Números*, 2 volumes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.

Recebido em 31 de janeiro de 2007 e aprovado em 09 de março de 2007.